

Stédile cobra atitude mais dura de Lula contra FH no programa eleitoral na TV

Vicentinho aceita discutir pacto social com Governo, desde que documentado

● BRASÍLIA, SÃO PAULO e RIO. O dirigente do Movimento dos Sem-Terra João Pedro Stédile cobrou ontem uma atitude mais dura, no programa eleitoral de TV, do candidato do PT à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva. Para Stédile, Lula tem de ser menos simpático e mais contundente, chamando o presidente Fernando Henrique de mentiroso. Ele disse que o Brasil deve ser fechado para balanço, com a suspensão da remessa de dólares para o exterior e a valorização da economia.

— O povo está sem esperança, não quer saber de promessa. Ele quer é saber quem é o culpado pela crise. E Lula tem de mostrar que o culpado é Fernando Henrique — disse Stédile.

O tom de radicalização do discurso em consequência da crise foi predominante no ato programado pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), que reuniu líderes políticos e intelectuais, ontem na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Rio. O presidente da CUT, Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, disse que aceitaria sentar-se à mesa com o Governo para discutir um pacto social de enfrentamento da crise, mas o “Manifesto à nação, em defesa do povo, da ética e da democracia”, lançado no ato, acusa o Governo de agir de “forma equivocada e antipatriótica” e afirma que o povo “não pode ser massa de manobra de aventureiros que querem se perpetuar no poder”.

— Nos dispomos a sentar para discutir, desde que tudo o que for acertado seja assinado e registrado em cartório como compromisso — admitiu Vicentinho.

Dirceu defende convocação do Congresso para fazer reforma

O presidente do PT, José Dirceu, defendeu a convocação do Congresso para uma reforma tributária e a mudança da política econômica e exigiu a demissão do presidente do Banco Central, Gustavo Franco, por ter mentido ao prometer não elevar os juros, “enquanto indicava o contrário para o capital especulativo”.

O primeiro a assinar o manifesto foi o presidente da ABI, Barbosa Lima Sobrinho, que conclamou os brasileiros a assumir uma

atitude nacionalista. Entre os mais conhecidos signatários estão os advogados Dalmo Dalari, Márcio Thomaz Bastos, Evandro Lins e Silva e Herman Baeta, os teólogos Frei Betto e Leonardo Boff, a cientista política Maria Vitória Benevides, o físico Luís Pinguelli Rosa, o bispo Demétrio Valentim, os atores Mário Lago e Sérgio Mamberti, os escritores Ariano Suassuna e Antônio Houaiss e os economistas Celso Furtado e Luciano Coutinho.

Stédile classificou como uma vergonha o comportamento do Governo frente à crise.

— Não tem saída. Não dá para esperar a eleição. A situação é muito grave e eles procuram esconder para preservar de qualquer maneira as eleições.

O PT e o PDT iniciaram um mo-

vimento para que a Câmara faça pelo menos três sessões, na semana que vem, para debater a crise financeira. A idéia foi lançada pelo líder do PDT, Miro Teixeira (RJ), na semana passada e foi aceita pelo líder do PT, Marcelo Déda, que de Sergipe determinou à sua assessoria a consulta aos colegas de outros partidos e ao comando da campanha de Lula.

Miro e Déda acham que, mesmo na fase mais importante da campanha, o Congresso não pode ficar omissos diante da crise. Para eles, seria uma falha imperdoável, porque o Legislativo simplesmente está ignorando a grave situação do país e do mundo. Se não for possível contar com os demais partidos, as esquerdas vão tentar fazer as sessões.

Em São Paulo, Lula escolheu o

principal corredor financeiro do país, onde estão a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) e a Bolsa de Mercadorias e Futuro (BM&F), para fazer uma caminhada no Centro, acompanhado da candidata do PT a governadora, Marta Suplicy, e de candidatos do partido a deputado federal.

A poucos metros da Bovespa, Lula parou para fazer um rápido discurso durante o qual chamou Fernando Henrique de cínico, afirmando que ele é responsável pelo aumento nos índices de desemprego e pelas quebraadeiras nas empresas e na agricultura. Lula advertiu para o aprofundamento da crise econômica internacional e atacou a política econômica do Governo, afirmando que serve apenas para gerar empregos nos Estados Unidos. ■